



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3



Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
CAPÍTULO 2	14
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
CAPÍTULO 3	24
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
CAPÍTULO 4	34
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
CAPÍTULO 5	49
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
CAPÍTULO 6	56
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
CAPÍTULO 7	69
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
CAPÍTULO 8	83
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

CAPÍTULO 9	97
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.8141924049	
CAPÍTULO 10	107
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240410	
CAPÍTULO 11	123
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.81419240411	
CAPÍTULO 12	135
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240412	
CAPÍTULO 13	146
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
DOI 10.22533/at.ed.81419240413	
CAPÍTULO 14	161
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.81419240414	
CAPÍTULO 15	175
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.81419240415	
CAPÍTULO 16	192
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i> : DE ONDE VEM O RACIONAIS?	
Rodrigo Estrella Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240416	
CAPÍTULO 17	205
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
DOI 10.22533/at.ed.81419240417	

CAPÍTULO 18	222
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
CAPÍTULO 19	240
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
CAPÍTULO 20	250
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
CAPÍTULO 21	262
A JORNADA DO HERÓI COMO MÉTODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
CAPÍTULO 22	272
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
CAPÍTULO 23	284
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
CAPÍTULO 24	296
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	

CAPÍTULO 25	307
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino	
Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
CAPÍTULO 26	312
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
CAPÍTULO 27	325
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini	
Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
CAPÍTULO 28	334
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
CAPÍTULO 29	342
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra	
Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
CAPÍTULO 30	354
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	366

INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”

Victor Carreão

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem
Campinas – São Paulo

RESUMO: O objetivo desse artigo é refletir acerca do ensino e da aprendizagem de língua inglesa no Brasil partindo de uma perspectiva que contemple os fatores socioculturais e, também, os fatores linguísticos que podem influenciar o aprendizado de uma língua estrangeira. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) veem quaisquer mudanças linguísticas como fruto de um processo de encaixamento linguístico entre variáveis internas ao sistema linguístico e aquelas externas a ele (i.e. fatores socioeconômicos). A ideia é, dessa maneira, verificar como diferentes fatores podem estar interligados favorecendo a variação linguística na variedade de inglês falada por brasileiros, especialmente aqueles que estão no processo de ensino-aprendizagem dessa nova língua. Questões como o sistema de ensino básico brasileiro, avaliação de proficiência, uso do inglês com outros falantes e questões de alfabetização e letramento podem ser considerados como fatores extralinguísticos (externos à língua, mas que nela exercem influência) que junto a fatores do sistema linguístico, como a questão da Interlíngua, podem levar os falantes brasileiros

a desenvolver um “inglês brasileiro” (cotejando termos conhecidos como “inglês britânico” ou “inglês americano”), ou ao uso desse idioma como “língua franca”, de forma a garantir que o propósito de qualquer mensagem seja passado adiante. Considerar que existe uma variedade de “inglês brasileiro” é considerar que determinados traços linguísticos da variedade brasileira do português podem ser transferidos para a produção oral dos brasileiros que falam inglês. O trabalho que segue é um resumo desses pontos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa. Variação Linguística. Ensino.

ABSTRACT: This article aims on reflecting on the teaching process of the English language in Brazil starting from a perspective that contemplates the sociocultural factors and also the linguistic factors that might influence the learning of a foreign language. Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]) see any linguistic changes as the result of a process of linguistic fit between variables internal to the linguistic system and those external to it (i.e. socioeconomic factors). The idea is, therefore, to verify how different factors can be interlinked favoring linguistic variation in the variety of English spoken by Brazilians, especially those who are in the learning process of this new language. Issues such as the Brazilian basic

education system, proficiency evaluation, use of English with other speakers, and literacy issues can be considered as extralinguistic factors (external to the language, but which exert influence in it) that along with linguistic system factors, such as Interlanguage, can lead Brazilian speakers to develop a “Brazilian English” (in comparison to terms known as “British English” or “American English”), or to use this language as “lingua franca”, to ensure that the purpose of any message is passed on. To consider that there is a variety of “Brazilian English” is to consider that certain linguistic traits of the Brazilian variety of Portuguese can be transferred to the oral production of Brazilians who speak English. The work that follows is a summary of these points.

KEYWORDS: English language; Linguistic Variation; Teaching

1 | INTRODUÇÃO

Kachru (1982 e 1985), assim como citado por Schmitz (2014), reconhece que a globalização é o fenômeno por que a expansão da língua inglesa deu-se mundialmente. Esta extensão poderia ser vista na analogia de três círculos: o primeiro seria aquele em que a língua inglesa funciona como língua nativa de seus falantes; o segundo estaria presente nos países e comunidades em que a língua inglesa foi imposta como idioma obrigatório, como o caso da Índia e da Nigéria na época da colonização inglesa; e o terceiro seria aqueles em que a língua inglesa é estudada como língua estrangeira – círculo em que o Brasil encontra-se inserido.

De acordo com um relatório do British Council (2014a), dominar a língua inglesa pode levar a 40% maiores possibilidades de crescimento na carreira e no salário. Ainda que a recompensa por dominar a língua inglesa seja atrativa, este mesmo estudo também aponta apenas 5% dos brasileiros como confiantes em relação a seu desempenho comunicativo em inglês.

Reportagens (G1, 2014; EXAME, 2013 e 2015) apontam o nível de inglês dos brasileiros como “ruim”, estando mais da metade dos executivos de alta e média gerência do país no nível “básico” de inglês. Em termos mais abrangentes, um estudo da Education First (2014) aponta 80% da população de classe média brasileira como sem conhecimento de qualquer língua estrangeira e classifica o Brasil na 38ª posição de um total de 60 países no que se refere à proficiência em língua inglesa.

Outro estudo do British Council (2013) aponta que ter o domínio da língua inglesa é primordial para 48% das empresas que contratam um novo colaborador. Apenas 38% das organizações encontram-se satisfeitas com o nível de inglês de seus colaboradores, o que faz com que rígidos procedimentos de contratação sejam tomados. Muitas companhias (70%) avaliam seus candidatos quanto a seu desempenho comunicativo em inglês em suas entrevistas de emprego e, caso necessário, posteriormente através de testes escritos (54%). Apenas 4% das empresas utilizam-se de exames oficiais para medir este desempenho.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) veem as mudanças linguísticas como

decorrentes de fatores externos e internos à língua em um processo de “encaixamento linguístico”: fatores extralinguísticos, condicionados a variáveis socioeconômicas como renda, classe social, nível educacional, entre outros; e fatores linguísticos, partindo do pressuposto de que a língua mudaria por si mesma dentro de seu “sistema linguístico”.

2 | OBJETIVOS

Objetiva-se refletir acerca de como fatores socioeconômicos podem influenciar fatores próprios do sistema linguístico dos aprendizes de inglês. Em especial, esse olhar volta-se para o contexto de ensino de língua inglesa no Brasil. Não há a intenção de apontar para características linguísticas específicas dos alunos de língua inglesa no Brasil, apenas busca-se verificar o cenário que se encontra no país atualmente.

3 | MÉTODOS

A metodologia de pesquisa pautou-se em uma pesquisa bibliográfica sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, com foco na questão da Interlíngua, e procurou apresentar dados referentes ao cenário educacional brasileiro também, explorando itens como o contexto da educação brasileira e o uso da língua inglesa no mercado de trabalho no Brasil.

4 | RESULTADOS

Pensando nas forças externas e internas à língua, podem-se citar alguns fatores que incidem influência na produção linguística dos indivíduos.

4.1 Fatores externos à língua

O ensino brasileiro e a avaliação da proficiência no Brasil em um segundo idioma são exemplos levantados neste resumo.

4.1.1 *Ensino brasileiro*

É importante verificar qual é o papel da educação básica no ensino de línguas estrangeiras. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental estabelecem como objetivo da aprendizagem de uma língua estrangeira:

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso via Língua Estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira. Isso poderá ser feito por meio de processos

de ensino e aprendizagem que envolvam o aluno na construção de significado pelo **desenvolvimento de, pelo menos, uma habilidade comunicativa** (BRASIL, 1998b, p. 19. Grifos nossos)

Como salientam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio: “verifica-se que, em muitos casos, há falta de clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2006, p. 90). O que se observa, em relação aos cursos de idiomas, é um crescimento constante em termos de faturamento e expansão de franquias dedicadas ao oferecimento desse serviço (SUAFRANQUIA, 2016 e ABF, 2017).

4.1.2 Avaliação de proficiência

Conforme relatório do British Council (2014b, p. 07), apenas 5,1% da população brasileira de 16 anos ou mais afirmam possuir algum conhecimento no idioma inglês. Dentro da porcentagem de falantes com conhecimento do idioma: 47% consideram-se falantes de nível básico; 32% de nível intermediário; 16% de nível avançado e 5% não sabem definir seu nível (BRITISH COUNCIL, 2014b, p. 08).

4.1.3 Uso da língua inglesa com outros falantes não-nativos

Apenas 10% dos alunos de cursos de idiomas de inglês (BRITISH COUNCIL, 2014b, p. 23) utilizariam habilidades relacionadas à fala, escrita ou compreensão de inglês falado diariamente. Esta porcentagem sobe para 15% para atividades que envolvam leitura. Com que falantes estes alunos desenvolvem estas interações? Seriam falantes nativos de língua inglesa ou falantes de outras línguas que utilizam a língua inglesa como ferramenta de comunicação? A pergunta é válida uma vez que estes outros falantes podem apresentar variação linguística em sua comunicação em inglês. Caso este seja o cenário, pode-se pensar que ocorre o uso da língua inglesa como uma língua-franca para comunicação comercial.

4.2 Fatores internos à língua

Questões relacionadas à aquisição de linguagem podem ser vistas como fatores linguísticos, inatos aos indivíduos, que podem influenciar os atos de fala dos indivíduos. Dentre esses fatores, ressalta-se a questão da Interlíngua.

4.2.1 Interlíngua

Entende-se a aquisição de linguagem por meio de Dispositivo de Aquisição de Linguagem, que funcionaria dentro do Período Crítico para que uma segunda língua fosse aprendida:

O primeiro significado de HPC [Hipótese do Período Crítico] corresponde a uma hipótese empírica segundo a qual os seres humanos são mais eficientes na aprendizagem de línguas nos primeiros anos de vida. Em outras palavras, o HPC afirma que a idade de aquisição é um importante preditor de proficiência final: quanto mais velhos começam a aprender uma língua, menores as probabilidades de alcançar a proficiência nativa. (PALLIER, 2007, p. 01. Tradução nossa)

Durante o período de aprendizado de uma nova língua, existiria um nível intermediário entre a língua materna do indivíduo e aquela que se deseja aprender: a Interlíngua. Para Tarone (2006, p. 747. Tradução nossa), a interlíngua é vista como “um sistema linguístico separado, claramente diferente da língua nativa e da língua-alvo a ser aprendida por um estudante, mas ligada a ambas por identificações interlinguais em sua percepção”. Em casos de jovens que já tenham passado pela puberdade e cuja janela do Dispositivo de Aquisição de Linguagem já esteja fechada, por exemplo, a aquisição da linguagem seria governada por uma estrutura psicológica latente, podendo apresentar um estágio de fossilização, em que há maior dificuldade de se desvincular de traços linguísticos pertinentes à língua mãe de um indivíduo.

5 | CONCLUSÃO

Em suma, observa-se:

i. Em muitas situações corporativas, a língua inglesa é imposta em reuniões, documentos e correspondências utilizadas diariamente. Ainda que haja a presença da língua inglesa a nosso redor (por meio de músicas, filmes, ou nomes de produtos, por exemplo), não há como interagir em um ato de fala com estas “amostras”. Trudgil (1986) nos mostra que nesse caso só seria possível haver uma “mímica” do que é dito/visto, mas que, sem interação por meio de atos de fala, dificulta-se a “cópia” do que se ouve/lê;

ii. Aqueles que se encontram no mercado de trabalho, salvo exceções, já teriam idade superior ao Período Crítico para a aquisição de uma segunda língua;

iii. Os dados dos relatórios sobre ensino-aprendizagem da língua inglesa (BRITISH COUNCIL, 2013, 2014a e 2014b; EDUCATION FIRST, 2014) mostram a pouca porcentagem de colaboradores em corporações que possuem conhecimentos intermediários e avançados em língua inglesa. A presença, ou ausência, de capacitação em língua inglesa é outro fator determinante de seu uso em situações de comunicação.

Tal cenário pode levar à percepção dos brasileiros como uma comunidade de fala em que a língua inglesa nem sempre encontra modelos linguísticos com que se possa interagir, bem como para um cenário educacional que nem sempre atua nos gargalos linguísticos necessários para a prática de uma segunda língua. Um “inglês brasileiro” seria, assim, permeado por influência da língua portuguesa. Resta saber o quanto isso pode interferir em comunicações internacionais.

REFERÊNCIAS

ABF (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FRANCHISING). **Pesquisa de desempenho**: 1º Trimestre de 2017. Disponível em: < <http://www.abf.com.br/wp-content/uploads/2017/05/2017-Desempenho-do-Franchising-1-Trimestre.pdf> >. Acesso em 20 mai. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRITISH COUNCIL. **Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil**. 2014b. Disponível em: < https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf >. Acesso em 30 dez. 2016.

_____. **Learning English in Brazil**. 2014a. Disponível em: < <https://br.live.solas.britishcouncil.net/pesquisas-infograficos> >. Acesso em: 18 de Agosto de 2015.

_____. **O estudo latino-americano de habilidades profissionais**. 2013. Disponível em: < <https://br.live.solas.britishcouncil.net/pesquisas-infograficos> >. Acesso em: 18 de Agosto de 2015.

EDUCATION FIRST. **English Proficiency Index**. 2014. Disponível em: < <http://www.ef.co.uk/epi/spotlights/latin-america/brazil/> >. Acesso em: 18 de Agosto de 2015.

G1. Cai o total de alunos na rede pública, apontam dados da Pnad 2014. **G1**, São Paulo, 13 de novembro de 2015. Educação. Disponível em: < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/11/cai-o-total-de-alunos-na-rede-publica-apontam-dados-da-pnad-2014.html> >. Acesso em 07 jan. 2017.

GASPARINI, C. Veja como anda o nível de inglês dos executivos brasileiros. **Revista Exame Online**, 16 de junho de 2015. Carreira. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/veja-como-anda-o-nivel-de-ingles-dos-executivos-brasileiros> >. Acesso em 17 de agosto de 2015.

KACHRU, B. B. Standards, codification, and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In: Quirk, R. and H. Widdowson, (eds.) **English in the World**: Teaching and Learning the language and the literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. *The Other Tongue*. English Across Cultures. **Urbana, III**. University of Illinois Press, 1982.

MORENO, A. C. Com proficiência baixa em inglês, Brasil fica estagnado em ranking. **G1**, São Paulo, 12 de novembro de 2014. Educação. Disponível em: < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/11/com-proficiencia-baixa-em-ingles-brasil-fica-estagnado-em-ranking.html> >. Acesso em 17 de agosto de 2015.

PALLIER, C. Critical periods in language acquisition and language attrition. *Language Attrition: Theoretical perspectives*. In: **Studies in Bilingualism**, n. 33, pp. 155–168, 2007.

SCHMITZ, J. R. Looking under Kachru's (1982, 1985) Three Circles Model of World Englishes: The Hidden Reality and Current Challenges. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 373-411, 2014.

SUAFRANQUIA. **Apesar da crise, setor de idiomas continua sendo um mercado promissor no Brasil**. Escolas de idiomas, 21 jan. 2016. Disponível em: < <https://www.suafranquia.com/noticias/escolas-de-idiomas/2016/01/apesar-da-crise-setor-de-idiomas-continua-sendo-um-mercado-promissor-no-brasil.html> >. Acesso em mai. 2017.

TARONE, E. Interlanguage. In: BROWN, K. **Encyclopedia of Language and Linguistics**. Boston: Elsevier. pp. 747–751, 2006.

TRUDGIL, P. **Dialects in contact**. New York: Basil Blackwell, 1986.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-281-4

